

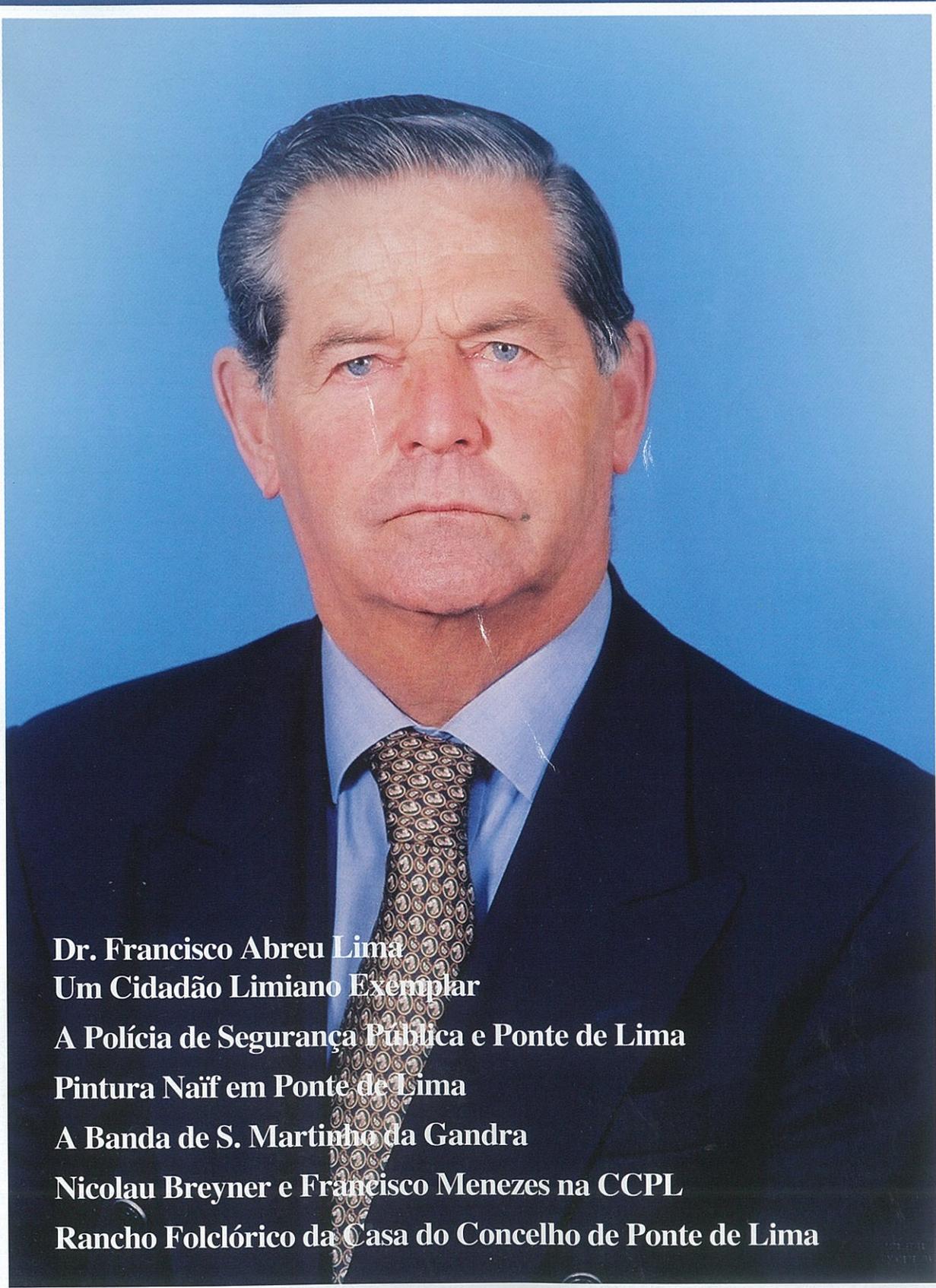


Revista de Informação, Cultura e Turismo

Limiana

Ano VIII - N.º 40 - Bimestral - € 2,50

Dezembro de 2014



Dr. Francisco Abreu Lima
Um Cidadão Limiano Exemplar

A Polícia de Segurança Pública e Ponte de Lima

Pintura Naïf em Ponte de Lima

A Banda de S. Martinho da Gandra

Nicolau Breyner e Francisco Menezes na CCPL

Rancho Folclórico da Casa do Concelho de Ponte de Lima

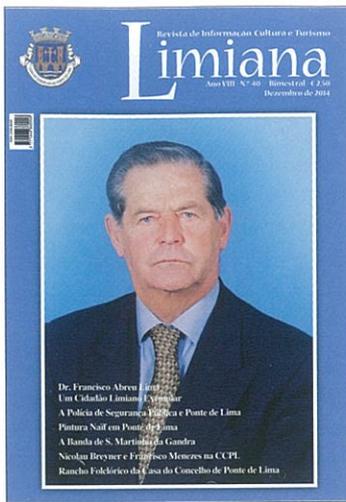


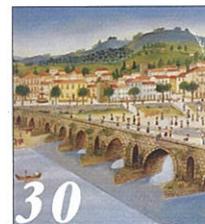
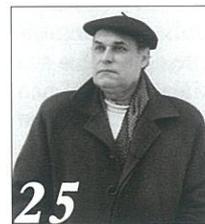
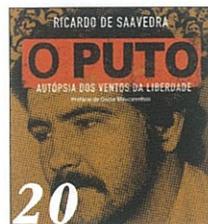
IMAGEM DA CAPA
 Dr. Francisco Maia de Abreu de Lima
 Ex-Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima
 Sócio Fundador e Sócio n.º 1 da Casa do Concelho de Ponte de Lima
 Fotografia: Amândio de Sousa Vieira

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO, PROPRIEDADE E DISTRIBUIÇÃO
 Casa do Concelho de Ponte de Lima
 R. de Campolide, n.º 316
 1070-039 Lisboa
DIRECTOR José Pereira Fernandes
DIRECTORAS-ADJUNTAS
 Irene Vieira Rua
 Teresa Martins
PAGINAÇÃO E CONCEPÇÃO GRÁFICA Jota Santos
FOTOGRAFIA
 Amândio de Sousa Vieira
 Artur Morgado
 Elisa Prego
 José Pereira Fernandes
ILUSTRAÇÃO Catarina Dantas
COLABORADORES REGULARES
 Adelino Tito de Moraes
 Alberto Antunes de Abreu
 Amândio de Sousa Vieira
 Amândio Sousa Dantas
 Ana Cláudia Martins
 António Matos Reis
 António Pais de Almeida
 António Sala
 Artur Anselmo
 Cláudio Lima
 David Rodrigues
 Fátima Meireles
 Fernando Castro e Sousa
 Francisco de Calheiros
 João Carlos Brandão Gonçalves
 João de Araújo Pimenta
 João Gomes d'Abreu
 João Maria Carvalho
 José Cândido de Oliveira Martins
 José Dantas Lima
 José Luís de Matos
 José Sousa Vieira
 José Velho Dantas
 Manuel Aurora
 Mário Leitão
 Ricardo de Saavedra
 Rui Delgado
 Rui Quintela
 Salvato Trigo
 Tiago Polme
 Victor Mendes

ERC: Inscrição n.º 125145
 Depósito legal n.º 257605/07
 ISSN 1646-8600
 Impressão: Tip. Belgráfica
 Rua da Corça – 2860-051 Alhos Vedros
 N.º de exemplares: 1000
 Revista Bimestral
 (5 números por ano).

ASSINATURA ANUAL
 Portugal: €15,00
 Europa: €20,00
 Fora da Europa: €25,00
 Sócios da CCPL: Grátis



Casa do Concelho de Ponte de Lima

Instituição Regionalista de Utilidade Pública,
 nos termos do Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de
 Novembro - Despacho do Primeiro Ministro,
 de 19 de Maio de 1995 - Diário da República,
 II série, n.º 128, de 2 de Junho de 1995.

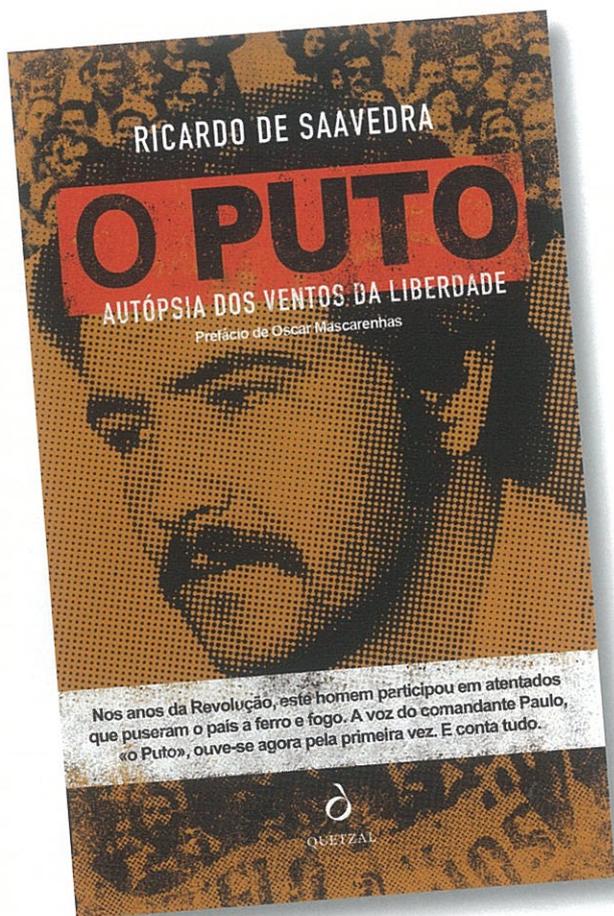
Medalha de Prata por Mérito Sócio-Cultural
 atribuída pela Câmara Municipal de Ponte de
 Lima, em 6 de Dezembro de 1993.

Rua de Campolide, n.º 316
 1070-039 Lisboa
 Tel. e Fax: 21 388 34 82

limiana.revistadecultura@gmail.com
<http://ccpl.weebly.com>

- 04** Na hora da despedida
- 06** Tentativa de um perfil
Dr. Francisco Abreu Lima
- 09** O Meu Pai
- 12** Francisco Abreu Lima
Uma das personalidades mais
influentes de Ponte de Lima
- 14** Dr. Francisco Abreu Lima e a
fundação da CCPL
- 16** Dr. Francisco Abreu Lima e o
Monumento a D. Teresa
- 17** Dr. Francisco Abreu Lima
Testemunhos
- 19** D. Francisco Maria da Silva e
o Beato Francisco Pacheco
- 20** *O PUTO* de Ricardo de
Saavedra
- 22** Página Literária
Poema épico de Francisco
d'Alpoim de Menezes
- 25** Poesia limiana seleccionada
por poetas limianos – Luís de
Sousa Dantas
- 27** Arte Sacra de Ponte de Lima
Anjo – Século XVIII
- 28** Obras de referência dos
Museus Portugueses
Os Coches da Embaixada
- 30** Pintura Naïf
Uma arte concebida sem
pecado
- 35** A Banda de São Martinho da
Gandra
- 38** A Polícia de Segurança
Pública e Ponte de Lima
- 46** O polícia culto
- 47** A CCPL na Praça da Figueira
- 48** Nicolau Breyner e Francisco
Menezes na CCPL
- 50** Actividades recentes da CCPL
- 52** Rancho Folclórico da CCPL

Esta revista está escrita de acordo com a antiga
 ortografia e nos termos do novo acordo ortográfico,
 conforme opção dos autores dos textos publicados



O PUTO de Ricardo de Saavedra

A questão não é de somenos. Caso R. Saavedra apenas tenha transcrito vinte e três cassetes, o seu papel é no livro curto. A glória da narrativa, se a há, cabe quase toda ao seu entrevistado, Manuel Vicente da Cruz Gaspar, nascido a 9 de Abril de 1954, em Montepuez, no norte de Moçambique, que tomou, aos 17 anos, quando recrutado pelos Comandos, o epíteto de *puto*, que serve para baptizar o livro. Caso contrário, quer dizer, se as cassetes não passarem de estratagemas visando dar ao relato uma impressão de verdade, permitindo assim ao autor recuar para segundo plano, então o prémio cabe por inteiro a Ricardo de Saavedra.

Deixemos de lado a questão, que por certo preocupará pouco o autor, e olhemos o relato que ocupa cerca de meio milhar de páginas. A narrativa, aceitando ou não o pacto que o autor propõe, tanto monta, é autobiográfica e corre na primeira pessoa. Manuel Gaspar, o *puto*, conta o seu caso desde o momento do seu nascimento até ao instante em que encontra o jornalista Ricardo de Saavedra em Townsview, nos finais de Maio de 1979. No intervalo está a infância, o serviço militar como voluntário nos Comandos de Jaime Neves, a desmobilização em 1973, a participação no levantamento anti-frelimista que se seguiu ao acordo de Lusaka de 7 de Setembro de 1974, a fuga para a África do Sul, o regresso clandestino a Moçambique para lutar contra o novo poder, a prisão no temível campo de Nachingwea, onde esteve para ser fuzilado, a fuga e o regresso à África do Sul.

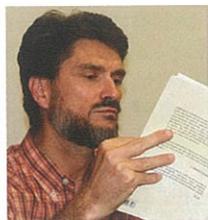
Em Maio de 1975 nova aventura, desta vez em Angola, como comandante do esquadrão Chipenda, ao serviço da FNLA, para combater as forças do MPLA, que vai varrendo de Sá da Bandeira, Nova Lisboa, Serpa Pinto, Benguela e Lobito e desbaratando o temível esquadrão Valódia. Dissolvida a sua companhia, parte para o Ambriz, onde chega a escassos quilómetros dos primeiros musseques de Luanda, acabando mais tarde por regressar ao Sul para comandar a evacuação dos civis de Moçâmedes até território seguro na África do Sul. O Puto, que em Angola ganhou o nome de Comandante Paulo, viaja então para Portugal e no início de 1976 funda em Lisboa com outros “retornados” um comando operacional de terrorismo urbano, a CODECO, visando alvos comunistas e destinado a vingar os desastres da descolonização. São colocadas centenas de bombas, assaltado um quartel, destruídas instituições oficiais e embaixadas estrangeiras, atacadas sedes do partido comunista português, assassinadas pessoas, entre elas o padre Maximiano, de Vila Real, a 2 de Abril de 1976.

É preso e sentenciado por tribunal militar a trinta e quatro anos de prisão, cumprindo pena entre Julho

Há livros que servem ao real de complacência e outros que são um caso de fuga. O livro que Ricardo de Saavedra acaba de dar a lume, *O Puto – autópsia dos ventos da liberdade* (Quetzal, 2014, pp. 508), não pertence a nenhuma destas categorias. Talvez se possa dele dizer o que se avança para um crime que vai a processo judicial: é um acto de justiça.

Vamos por partes. Antes de mais em que género se pode *O Puto* inserir? Romance ou documento? Novela ou reportagem? O livro, por si, apresenta-se modesto e humilde como documento, fazendo assim justiça ao exercício jornalístico tantos anos exercido pelo seu autor. Tudo nos é contado como se o livro fosse tão-só o resultado da transcrição, sem qualquer intervenção do autor, nem sequer as perguntas, de vinte e três cassetes gravadas com o protagonista do livro, ao longo de vinte e cinco encontros, em Townsview, África do Sul, Joanesburgo, entre o final de Maio e 16 de Julho de 1979.

Sabemos, porém, que indicações deste tipo escondem muitas vezes uma trama fictícia da exclusiva responsabilidade do autor. Qual é o romancista, ao menos desde Cervantes, que não tenha pretensões em fazer passar a sua ficção por verdade? Já o nosso vetusto Fernão Lopes, que escreveu os seus relatos três, quatro ou cinco gerações depois dos eventos, manietado ainda pela legitimação duma dinastia espúria, afirmava no curto prólogo de sete parágrafos da primeira parte do *Crónica de D. João I* que *nosso desejo foi em esta obra escrever verdade, sem outra mistura*. Confundir o desejo com a realidade é o pudor dos historiadores – o pudor ou o pecado, está ainda por saber.



António Cândido
Franco